

O CÓRREGO DO CAPÃO E OS QUINTAIS NA PAISAGEM CULTURAL
DE VENDA NOVA: PARA ALÉM DOS MUROS...

Roseli Correia da Silva¹

Apresentação Profissional:

Formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação (FaE-UFMG), atua como pesquisadora voluntária do LABEPEH (Laboratório de Ensino e Pesquisa em Ensino de História), órgão ligado à FaE e ao Centro Pedagógico da UFMG, participa como professora bolsista do projeto "Educar pela cidade: Patrimônio Cultural e Ambiental de Venda Nova", pela Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), além de atuar como mobilizadora social do Núcleo Capão-Projeto Manuelzão (UFMG) desde 2013.

RESUMO

Este artigo, além de utilizar a história local como recurso didático, valorizando a história do Córrego do Capão, a partir de conceitos como bacia hidrográfica e lugar, na sua complexa relação com o meio ambiente, também visa difundir saberes e práticas da memória e do saber cuidar, propiciando a formação de identidades plurais, fundadas na valorização da diversidade étnico cultural e em práticas de sustentabilidade, no sentimento de pertencimento e no compromisso social. Em diálogo com a pesquisa "Educar pela Cidade: Patrimônio cultural e ambiental de Venda Nova" (UEMG), esta proposta tem por objetivo apresentar estratégias voltadas para a Educação Patrimonial, sob a perspectiva da Educação Ambiental como forma de desenvolver habilidades voltadas para a formação da consciência cidadã, a partir do conceito de paisagem cultural. Ademais de potencializar os usos das hortas e dos quintais como fontes de conhecimentos e aprendizagens relacionadas aos saberes tradicionais e, em especial, ao saber cuidar e ao direito a uma cidade mais sustentável.

¹ Texto apresentado no Simpósio de Formação e Profissão Docente "Trabalho, Meio Ambiente e Compromisso Social", Departamento de Educação UFOP, Out. 2017.

PALAVRAS CHAVES: Patrimônio, História, Memória e Educação.

I – Apresentação

O Núcleo Capão nasceu de uma proposta em Educação Ambiental ocorrida na Escola Municipal Adauto Lúcio Cardoso, no ano de 2012, em parceria com o Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História (LABEPEH- FaE \ CP – UFMG) e o Projeto Manuelzão – UFMG. Mas, foi em 2013 que esse trabalho começou a ganhar contornos de movimento socioambiental em prol da revitalização do Córrego do Capão. Hoje temos representação no Sub Comitê de Bacia Hidrográfica do Ribeirão Onça, na suplência, como sociedade civil organizada e uma relação de parceria bastante intrínseca com a EMALC, no que tange ao desenvolvimento de propostas que contemplem a Educação Ambiental.

Desde a constituição desse Núcleo, temos investido na construção de uma trajetória voltada para a Educação Ambiental, sempre pautada por ações socioambientais e políticas, envolvendo atores sociais, no intuito de criar uma identidade coletiva para esse movimento, a partir dos interesses em comuns partilhados pelo grupo, em espaços coletivos *e ou* não institucionalizados. Sendo, a ideia de construção de redes o principal elemento norteador da práxis encabeçada por esse movimento, com o objetivo de interconectar instituições e práticas sociais, que possam fortalecer o processo de constituição de importantes fontes de informação, troca de saberes e experiências que possam favorecer esse coletivo (JACOBI, 2000, GOHN, 1997, apud DICKEL, 2010).

Portanto, a participação nesse simpósio propicia ao Núcleo Capão fazer um balanço em forma de relato sobre as ações empreendidas por esse grupo, por meio do balanço das ações planejadas em conjunto com a EMALC, a Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Minas Gerais (FaE-UEMG) e outros parceiros, na articulação e desenvolvimento da pesquisa “Educar pela Cidade: Memória e Patrimônio Cultural e Ambiental”, entre os anos 2013 e 2014, bem como seus desdobramentos em propostas educativas como: “Nas trilhas do Capão: Paisagem Cultural e Educação Ambiental na bacia hidrográfica do Capão” (2015) e “Valorização de nascentes na bacia hidrográfica do Córrego do Capão” (2016\2017).

Por isso, esse texto pretende apresentar de maneira panorâmica e sucinta, experiências em Educação Ambiental desenvolvidas pelo Núcleo Capão em parceria

com a EMALC, a FaE-UEMG e outras instituições locais, a partir de vivências e práticas construídas a partir da pesquisa “Educar pela Cidade: Memória e Patrimônio Cultural e Ambiental” (2013\2014).

II – O Córrego do Capão e a paisagem cultural.

Essa parte do texto tem por objetivo apresentar estratégias relacionadas às possibilidades de trabalhar a Educação para o patrimônio sob a perspectiva da Educação Ambiental e da Cidade Educadora, como forma de desenvolver habilidades voltadas para a formação da consciência cidadã, tendo como foco a análise da História do Córrego do Capão na paisagem cultural.

Existe uma vasta bibliografia \ literatura que aponta para a necessidade de criação de uma educação formal e não-formal preocupadas em abordar questões pertinentes ao meio ambiente, que começaram a ganhar corpo no final da década de 1960, a partir dos movimentos ecologistas e das discussões relativas à finitude da natureza frente aos processos capitalistas e seus impactos ambientais.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais lançados pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), em 1997, sugerem a transversalidade da Educação Ambiental em consonância com outros temas. Juntamente com a Política Nacional de Educação Ambiental, artigo 1º da lei 9.795\99, essas tendências embasam uma política educacional propícia à construção de práticas educativas capazes de auxiliar na sensibilização dos sujeitos para o convívio com a natureza e na conscientização para o exercício da cidadania planetária, por meio da potencialização de ações coletivas a fim de atingir a sustentabilidade por meio da junção dos diferentes saberes e das múltiplas vivências culturais e sociais.

O cenário da Educação Ambiental atual vem apontando para a promoção de um processo pedagógico baseado na relação de aprender a aprender de forma dialógica, mediante uma abordagem humanista, mais flexível e vivencial da realidade, visando à formação de sujeitos sociais emancipados, fazendo-se cada vez mais necessário o envolvimento de outras esferas na construção de comunidades de aprendizagens interpretativas responsáveis pela transformação dos educandos em sujeitos da sua própria história e como leitores críticos da sua realidade, haja vista que o ambiente deve ser compreendido como fruto de um processo socioambiental e histórico permeado e entrecortado pelo meio natural, social, político, ecológico, cultural, estético, emocional

e ético e como parte integrante do patrimônio cultural a ser preservado (BARBOSA e PIRES, 2011, ORIÁ, 1997).

Segundo Oriá (1997), o patrimônio cultural engloba aspectos tanto do conhecimento histórico quanto do ecológico, do artístico e do científico, sendo formado por um tripé que contempla a dimensão natural ou ecológica, a dimensão histórica e a dimensão documental da paisagem, observando que

... todos os bens sejam naturais ou culturais, materiais ou imateriais, tangíveis ou intangíveis, estão incluídos no patrimônio cultural do país, desde que os mesmos sejam portadores de referências à identidade, à ação e à memória dos diferentes elementos étnico-culturais formadores da nação brasileira².

Portanto, pensar em uma educação problematizadora, capaz de subsidiar uma proposta que contemple o direito à memória como direito à cidade sustentável, pode ser um caminho propício à construção de estratégias que possibilitem aos sujeitos a tomada de consciência da realidade que os cerca e ao fomento de ações marcadas pela preservação do patrimônio cultural da cidade, haja vista que “o direito à memória como direito de cidadania indica que todos devem ter acesso aos bens materiais e imateriais que representam o seu passado, a sua tradição, enfim, a sua história” (ORIÁ, 1997, p.138).

Mas, para compreender a importância da identificação e valorização dos saberes locais como patrimônios a serem revisitados e como estratégias facilitadoras dos processos que envolvem ações educativas visando a Educação Ambiental para o patrimônio, faz-se necessário questionar a disjunção entre natureza e cultura, a fim de promover uma releitura do espaço urbano sob a ótica da paisagem socioecológica (SILVEIRA, 2007) e da paisagem cultural (CASTRIOTA, 2013).

De acordo com essa abordagem, a paisagem socioecológica é fruto de uma discussão fomentada pela ecologia de paisagem, resultado dos desdobramentos da nova antropologia ecológica, que, a partir da década de 1990, passou a apontar o fator humano como peça chave nos processos de formação do espaço, cabendo à paisagem cultural, como categoria, o estudo das ações passadas como princípio explicativo das intervenções produzidas pelo homem no meio natural (SILVEIRA, 2007).

Segundo Castriota (2013)³, a ideia de “paisagem cultural”, desenvolvida pela UNESCO, no início dos anos 1990, tem como finalidade articular as interações significativas entre o homem e o meio ambiente natural na promoção de mecanismos

² Oriá, 1997, p.135.

³ CASTRIOTA, Leonardo. Paisagem cultural: novas perspectivas para o patrimônio. *Arquitextos*, São Paulo, ano 14, n. 162.02, Vitruvius, nov. 2013 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.162/4960>>.

que auxiliem na interpretação das relações que se estabelecem no espaço urbano, em favor da identificação e preservação do patrimônio cultural, apresentando várias possibilidades de leitura e de estratégias de intervenção nesse campo.

Sendo assim, a identificação e a valorização dos bens culturais e naturais presentes nos quintais da comunidade que fica no entorno do Córrego do Capão tornam-se de imprescindível importância no fomento de experiências que visem à revitalização desta bacia hidrográfica, vistos como elementos importantes dessa paisagem, e que, portanto, devem ser inventariados e preservados como patrimônio. Dentro desse contexto, fica cada vez mais factível, pensar a paisagem cultural dos lugares em um sentido amplo, que inclua a relação entre o povo, a natureza, os ecossistemas e os modos como esses processos conformam e enriquecem a cultura e a identidade locais, como ressalta Castriota (2013).

Ao assumir a existência de uma multiplicidade de formas na produção de conhecimentos tradicionais, existe cada vez mais a necessidade de lançarmos um olhar histórico sobre a paisagem, no afã de compreender a ação humana no espaço por meio da História Oral⁴, fazendo-se necessário ouvir as narrativas de sujeitos comprometidos com determinados contextos na identificação de práticas significativas e em simbiose com os ambientes naturais.

Nessa discussão, os recursos hídricos na sua relação com a cidade trazem à tona uma série de possibilidades de trabalho e questões que, em diálogo com a comunidade e a escola, podem produzir encontros com o passado da localidade a partir do diálogo com o presente. Nessa direção, o conceito de bacia hidrográfica apresenta-se como bastante fecundo, uma vez que

O conceito de bacia remete à visão ecológica integrando processos sociais, políticos, econômicos e de saúde dentro do contexto das relações ambientais existentes na bacia, que no fundo deve dar a sustentabilidade a todos os processos⁵.

No Brasil, segundo Ferreira (2012), a canalização dos rios é fruto de uma mentalidade de base higienista e sanitária, que, marcada pela ideologia desenvolvimentista e pelo processo de metropolização do espaço urbano, encabeçou

⁴ Segundo Michael Pollak (1992), a História Oral, que está relacionada diretamente à história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa como produtora de novos temas, novos objetos e de novas interpretações. No Brasil, com a retomada da democracia na década de 1980, os estudos da memória social ganharam força com os trabalhos realizados pelo campo da História Oral, na medida em que as comunidades e os movimentos sociais passaram a desenvolver formas alternativas de sociabilidade como garantia para a construção de uma identidade coletiva que evidenciasse a cultura local (GATÁS, 1998).

⁵ POLIGNANO, 2012, p. 49.

uma batalha pela domesticação dos rios, rumo ao progresso, resultando no encaixotamento de vários cursos d'água.

Com isso, uma visão mais holística e integrada da noção de bacia hidrográfica com a localidade, apresentada por Polignano (2012), permite-nos rever a “vocação sanitária” imposta aos rios brasileiros mesmo antes do crescimento das cidades, no tempo das vilas e dos arraiais coloniais, assim como problematizar, em especial, os processos de metropoliza o que foram adotados pelo poder público e que levaram   retifica o dos cursos d'água, reduzindo-os   simples fun o de receptores de esgoto (FERREIRA, 2012, p.127).

Portanto, o desejo de construir um tipo de conhecimento pautado na efetiva busca por valores permeados pela sustentabilidade, pela cultura, pela identidade e pelo território, propiciou articular variadas possibilidades para repensar a rela o dos estudantes com a paisagem cultural, o ambiente e com o lugar onde vivem. Sendo assim, o projeto “Os quintais da minha comunidade”, desenvolvido no ano de 2014 na EMALC, consiste em uma das *aplicabilidades* da pesquisa “Educar pela Cidade: Memória e Patrimônio Cultural e Ambiental de Venda Nova”, cujos desdobramentos resultaram em outras propostas voltadas para a Educa o Ambiental nos anos subsequentes, com o propósito de valorizar os bens culturais e naturais presentes na localidade.

Outra oportunidade de intervir positivamente no território surgiu a partir do circuito socioambiental “Nas trilhas do Capão: Paisagem Cultural e Educa o Ambiental na bacia hidrográfica do Córrego do Capão”, ocorrido em 2015, uma parceria entre o Núcleo Capão e a EMALC, que consistiu em uma experiência capaz de ressaltar aspectos que valorizam a dimensão natural, ecológica e histórica da paisagem cultural, a fim de estimular entre os (as) estudantes o senso de conserva o ambiental, através da visita a lugares de memórias, identificados a partir das narrativas de antigos moradores da região e como fruto da pesquisa citada acima.

Essa iniciativa auxiliou no trabalho de campo realizado com esses alunos, tendo como base as “memórias verdes” e o patrimônio contido nos quintais de Venda Nova, fazendo com que, além das práticas ligadas ao cultivo da terra, alguns cuidadores de nascentes fossem identificados como peças chaves para o processo de revitaliza o dos cursos d'água em áreas urbanas, dando origem   proposta “Valoriza o de nascentes na bacia hidrográfica do Córrego do Capão” (2016\2017), em sintonia com as orienta es do Comitê de bacia hidrográfica do Rio das Velhas e do Sub Comitê de bacia

hidrográfica do Ribeirão Onça, sendo que esse último, atualmente executa a proposta “Diagnóstico de nascentes da bacia hidrográfica do Córrego Vilarinho” (2017\2018), através da empresa MNC Projetos e Consultoria.

III- Hortas, quintais e o córrego do Capão: a paisagem em narrativas.

Em alguns textos literários, o quintal é apresentado como lugar da intimidade, que fica nos fundos da residência, sendo destinado às brincadeiras, ao plantio de alimentos, ao cultivo das ervas medicinais, aos pomares, à criação de animais, como também à guarda de resíduos, resquícios e sobras que são acumuladas em algum canto, à espera de boa serventia ou para serem simplesmente descartados em alguma parte da cidade.

Aliada a essa percepção, a abordagem de conteúdos envolvendo a história do surgimento de Venda Nova como caminho de passagem, em diálogo com as discussões pertinentes aos usos do solo na sua relação com a permeabilidade, a preservação das áreas verdes e a recuperação das nascentes urbanas, foi enriquecida pelas visitas à horta do Senhor Antônio Alves (*in memoriam*), com o objetivo de respaldar as ideias em torno da necessidade da formação de uma consciência cidadã entre os estudantes, por meio da *ressignificação* de conceitos, saberes e práticas socioeducativas.

Nessa perspectiva, os quintais, assim como o Córrego do Capão, apresentam-se como importantes elementos da paisagem cultural de Venda Nova, que emergiram das memórias dos avós e dos antigos moradores da região, revelados por meio de narrativas⁶ significativas e potencializadoras de aprendizagens singulares para o meio escolar.

Portanto, *escavar* os quintais, por meio das narrativas desses guardiões da memória, aparece como uma oportunidade de revisitar o passado de um determinado lugar, como uma forma de fortalecer os laços de identidade e de pertencimento dos sujeitos, fazendo com “que eles percebam na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas” (ORÍÁ, 1997, p.139).

⁶ A narrativa traduz o movimento infinito da memória coletiva, possibilitando a transmissão da experiência social, característica passível de propiciar a germinação da noção de pertencimento e a construção da identidade. Ao apoiar-se na memória coletiva, o narrador, figura “que tem a capacidade de relatar, descrever acontecimentos, fatos, situações suas e de outros como um artesão que produz uma peça” (Montenegro, 1992, p.61), transforma-se no elo principal na construção de uma sociedade mais democrática e sustentável.

Dentre os narradores identificados pela pesquisa “Educar pela Cidade: Patrimônio Cultural e Ambiental de Venda Nova”, lançamos um olhar especial sobre o quintal do Senhor Antônio Alves, antigo morador, que, desde longa data, cultivava a terra e plantava hortaliças, vendidas, na porta de sua casa para a vizinhança do Bairro Piratininga e arredores. A horta, que, por hora, ocupa uma grande extensão do terreno, constitui-se em uma lembrança dos tempos áureos em que outrora abrigava a Fazenda do Capão, lugar que batizou o córrego de mesmo nome e cuja história precisa ser revisitada sob o ponto de vista do patrimônio cultural a ser revitalizado.

A “Horta do *seu* Antônio”, como é conhecida, ocupa uma grande extensão do terreno que faz equina com a Rua Altinópolis e fica às margens do Córrego do Capão, constituindo-se em uma das lembranças dos tempos áureos, onde outrora localizava-se a Fazenda do Capão, lugar que batizou o córrego de mesmo nome e cuja história precisa ser revisitada. *Seu* Antônio descreve sua relação de trabalho e com a terra, frisando as transformações ocorridas ao longo do tempo:

Eu fui nascido e criado aqui mesmo. Nessa época, plantava milho, arroz, feijão... Tinha mandiocal... Essas coisas... Vivia disso. Arroz... Tinha que produzir muito arroz. Todo mundo plantava e produzia...
A água era limpinha, a gente pescava aí! Podia até tomar da água. Uma beleza!

O engenho de farinha tinha uma roda d’água grandona, né... Imitando uma roda gigante. Ali soltava a água, tocava ela e ela tocava as outras rodas... Era assim... Pra poder ralar, para fazer... Era tudo tocado à água. Hoje acabou com tudo, né! A gente num vê nem um sapo cantar mais... A gente num vê vagalume... Num vê mais nada... Ao invés de criar sapo aí no córrego, tá criando é rato! Tem umas ratazanas, que pelo amor de Deus! Ô bicho danado!

A identificação e valorização dos bens culturais e naturais que conformam a paisagem presente nos quintais da comunidade, que cresceu no entorno do Córrego do Capão, serviu de ferramenta na promoção de diálogos profícuos entre o presente e o passado, fazendo com que essas narrativas auxiliassem na sistematização e compreensão da complexidade labiríntica que marca o processo histórico deste lugar, despertando e resgatando sensibilidades vividas, mediante recuperação de construções imaginárias dos homens em tempos passados nas suas relações com a cidade e com essa bacia hidrográfica (RUSEN, 2011) .

Em 2015, a “Horta do *seu* Antônio” foi palco do circuito socioambiental “Nas trilhas do Capão: Paisagem Cultural e Educação Ambiental na bacia hidrográfica do Córrego do Capão”, uma parceria entre o Núcleo Capão e a EMALC, em diálogo com a

pesquisa “Educar pela cidade: Patrimônio Cultural e Ambiental de Venda Nova” – FaE\UEMG e contou com o apoio da Gerência de Educação Ambiental (GEEDA) de Belo Horizonte, que disponibilizou o ônibus do Expresso Ambiental para a realização do circuito.

Esse trabalho de campo teve como base a necessidade de identificação e divulgação de *lugares de memória* na bacia hidrográfica do Córrego do Capão, através da valorização de bens culturais e ou naturais significativos presentes na comunidade e propensos a servir de modelos positivos para cogitar melhorias na qualidade de vida da localidade, via fortalecimento dos laços de pertencimento e do exercício da cidadania.

Nessa ocasião, representantes da comunidade, juntamente com alunos da EMALC, embarcaram no ônibus *Expresso Ambiental* e circularam por ruas e praças do território em direção à “Horta do *Seu Antônio*”, que desde antiga data cultivava a terra e plantava hortaliças que ainda são vendidas na porta para os moradores do bairro Piratininga e vizinhança.

Após visitarem o local, percorrerem os canteiros, conhecerem a nascente que está no terreno, obterem informações sobre o cultivo, a manutenção e a venda dos produtos, sempre acompanhados de perto por *Seu Antônio*, nossos visitantes produziram uma pequena intervenção cultural na *Horta*, onde flores de papel foram colocadas ao longo da cerca de arame farpado que protege a propriedade. Essa trilha urbana terminou na Escola Municipal Professor Pedro Guerra, localizada na foz do Córrego do Capão.

Ademais de valorizar os bens culturais e naturais presentes em quintais, como a “Horta do *Seu Antônio*”, por meio da identificação de práticas, conhecimentos e técnicas agrícolas tradicionais relacionadas ao cultivo de alimentos e plantas medicinais, ainda bastante utilizadas na região, essa trilha oportunizou outra forma de revisitar aquela localidade, através da identificação das “memórias verdes” e dos cuidados com as nascentes presentes nos quintais, por meio das narrativas.

Devido à longanimidade da atividade agrícola nesse local, a “Horta do *Seu Antônio*”, tornou-se referência na região, em torno da qual, o nosso narrador evocava o passado pontuado por memórias que sempre remetiam às comemorações, às relações sociais, às conquistas e às lutas travadas entre o social e o ambiental na ocupação do território. Dessa forma os alunos puderam acessar o passado, como um anel que é transmitido de mão em mão, e “contemplar as extensões dos caminhos e as trilhas que se tornaram estradas para longas caminhadas, por terrenos onde os desejos e as

conquistas viraram recordações” (CAVALCANTE, 2002), impedindo assim que, talvez, os rios continuem sendo eternamente derrotados e impedidos de realizarem as suas curvas.

Pensando que um dos grandes desafios da Educação Ambiental consiste em buscar estratégias que possibilitem o desenvolvimento da educação formal e não-formal, motivando a formação de uma nova ética ambiental e social, bem como a consciência ecológica, experiências como essa são capazes de propiciar aos estudantes a percepção dos problemas ambientais, ademais de apontar para a busca de soluções conjuntas, resgatando valores como a cidadania e o respeito. Com isso, o material coletado e as experiências vivenciadas a partir desse contato transformaram-se em peça chave, capaz de auxiliar os estudantes (as) no reconhecimento da ‘outricidade’ da natureza e no desenvolvimento da noção de pertencimento.

Sempre com a finalidade *de ressignificar* a importância dos cursos d’água e das áreas verdes em áreas urbanas, a partir do segundo semestre de 2016, o Núcleo Capão e parceiros apadrinharam uma área da bacia hidrográfica do Córrego do Capão, que pertence ao Parque do Conjunto Habitacional da Lagoa, que ainda encontra-se em fase de implantação, com a intenção de valorizar as nascentes ali presentes. A ideia de executar um trabalho mais em sintonia com a comunidade, por meio de uma abordagem socioeducativa mais direta, em prol da construção de uma cidadania mais ativa e participativa, fez com que esse movimento adotasse o plantio de árvores nativas, o mutirão de limpeza e o grafite como estratégias de intervenção nessa área de maneira mais sistemática.

Sendo assim, a partir de uma concepção que vincula conceitos como ambiente, saúde, educação e cidadania, o projeto “Valorizando nascentes na bacia hidrográfica do Córrego do Capão” tem como finalidade problematizar a necessidade de revitalização das nascentes dessa bacia como um processo que demanda a participação dos atores sociais, através da formação de agentes multiplicadores de ideias e ações voltadas para a valorização da importância do saber cuidar dos cursos d’água e dos espaços verdes que a cidade oferece, como forma de conservar esse patrimônio natural, bem como evidenciar os traços culturais presentes no território, ademais de sensibilizar e informar a comunidade sobre formas mais saudáveis e sustentáveis de se relacionar com o espaço urbano e o meio ambiente.

Para que isso aconteça, apostamos na recomposição de trechos da mata ciliar do Córrego do Capão, dentro de uma perspectiva balizada por uma Educação Ambiental integrada à noção de Educação para o patrimônio numa cidade educadora, para fazer brotar outra relação da comunidade com o córrego, haja vista que esta ação, além de tornar mais agradável o local, evitando a deposição irregular de lixo e entulho nas margens, inibindo os bota-foras, também visa auxiliar no controle da proliferação de doenças causadas por vetores como roedores e o *aedes aegypti*, fazendo com que a recuperação das áreas verdes resulte numa relação positiva da comunidade com esse curso d'água.

Além disso, utilizamos o grafite, uma forma de manifestação artística e cultural em espaços públicos, como forma de revitalizar os muros que conformam o Córrego do Capão. Vislumbramos a ideia de usar essa manifestação artística, como um mecanismo de sensibilização e mobilização, em especial de alunos de escolas públicas, o grafite é apontado como um facilitador na disseminação e no fortalecimento de um discurso argumentativo mais sustentáveis e inclusivo para esta bacia hidrográfica. Com isso, espera-se que as oficinas de grafite propiciem a construção de espaços para o florescimento da diversidade e da percepção de um ambiente saudável como direitos, a partir do cruzamento das experiências culturais para além do âmbito escolar.

Ao final, além da revitalização e da disseminação da proposta do Parque linear do Córrego do Capão, almeja-se fomentar a criação de um corredor cultural, visando servir de referência para outras manifestações culturais ali presentes.

VI - Considerações finais:

Potencializar os usos da horta da escola, dos bens culturais existentes nos quintais da comunidade e a história local, problematizando o conceito de bacia hidrográfica como fonte de conhecimentos, aprendizagens e atitudes relacionados aos saberes tradicionais e, em especial, ao saber cuidar, faz-se de suma importância para repensarmos os processos de *REeducação* do olhar para uma Educação Cidadã e para o desenvolvimento da consciência histórica.

Nessa perspectiva, ressignificar os rios e as áreas verdes nas metrópoles torna-se uma tarefa para aqueles que desejam repensar os processos educativos e desenvolver a alteridade como capacidade fundamental da consciência cidadã, pois

É preciso voltar nosso olhar para uma outra relação com o planeta, de cumplicidade, de respeito e de amorosidade. Isso significa uma revolução

interior de valores éticos, culturais e de concepção de mundo. Uma outra maneira de aprender a conhecer⁷.

A escola, local por excelência destinado às aprendizagens, aparece como mais um entre os diversos agentes sociais a ser apontado como peça chave na reorientação paradigmática favorável à construção de uma educação que resgate o seu papel social como agente de transformação e espaço destinado à criatividade, propiciando à comunidade que nela atua, na qualidade de educando, educador ou prestador de serviços, o prazer de interagir, aprender e se transformar cotidianamente.

Diante da desresponsabilização do Estado e da despolitização dos movimentos sociais, faz-se cada vez mais necessário resgatar o movimento ambientalista em sua base política e social, constituindo coletivos que representem determinadas formas de compreender as relações sociais, exercitando a capacidade de se articularem e dialogarem com outras vertentes da sociedade (Dickel, 2010).

V - Referências Bibliográficas:

BITTENCOURT, Circe, Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História, In: Circe Bittencourt (org.), *O saber histórico na sala de aula*, 12ª edição, São Paulo: Contexto, 1997, p.11 a 27.

CASTRIOTA, Leonardo. Paisagem cultural: novas perspectivas para o patrimônio. *Arquitextos*, São Paulo, ano 14, n. 162.02, Vitruvius, nov. 2013 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.162/4960>>.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. A construção da memória: o papel do narrador na descrição do passado. In: *Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação*, 20, 2002, Fortaleza. *Anais Fortaleza*, 2002, 1 CD-Rom, FEBAB.

DICKEL, Mara E. G., *O papel do 3º setor nas políticas ambientais do estado neoliberal: Uma análise a partir do COREDE Centro do Rio Grande do Sul*, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2010 (mimeo).

FERREIRA, Adriana Angélica, A água nossa de cada verão: os cursos d'água e a (re) produção do espaço urbano. In: FREITAS, Eliano de Souza Martins; FERREIRA, Adriana Angélica (Org). *Meio ambiente em cena*. Belo Horizonte: RHJ, 2012, 292p. p.117-150.

⁷ MEYER, 2011, p. 11.

ORIÁ, Ricardo, Memória e ensino de História, In: Circe Bittencourt (org.), *O saber histórico na sala de aula*, 12ª edição, São Paulo: Contexto, 1997, p.128 a 148.

MEYER, Mônica, O corpo tem que ter vivência para aprender sobre a natureza, *In: Presença Pedagógica*, Mar\Abr, 2011, v.17, n.98, Editora Dimensão, p.5-11.

POLIGNANO, Marcus Vinicius (Org.), *Abordagem ecossistêmica da saúde*, Belo Horizonte: Instituto Guaicuy, 2012, 200p.

RAMOS, F. R. L, *A danação do objeto: O museu no ensino de história*. Chapecó, SC, Brasil: Argos, 2004. 178 p.

SILVEIRA, Pedro Castelo Branco, Etnografia e questões sócio-ambientais: Esboço de uma antropologia simétrica da paisagem, *In: Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v.23, no 12, p. 115 – 134, jan\dez, 2007.